

**Nizamar Aparecida de Oliveira**

*Centro Universitário Anhanguera de São Paulo - unidade Brigadeiro*

nizamar@uol.com.br

**Anderson Soares Lopes**

*Universidade Anhembi-Morumbi*

aslturjp@yahoo.com.br

## O FUTEBOL COMO PATRIMÔNIO NACIONAL CULTURAL

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o futebol brasileiro como uma paixão nacional, fazendo um breve resgate histórico sobre a chegada desse esporte no Brasil, os destaques nas Copas do Mundo e dos times e jogadores mais conhecidos no âmbito nacional. Não há a pretensão de um estudo aprofundado sobre táticas, técnicas utilizadas nos jogos e análise das derrotas e vitórias. O estudo apresentará o futebol na linha do tempo, para que se compreenda a importância deste esporte popular na cultura nacional e refletir sobre a possibilidade de registrá-lo como um patrimônio cultural imaterial. A metodologia aplicada foi bibliográfica e história oral através de um único protagonista que, não se limita a ser um torcedor e estuda desde sua infância o futebol mundial. O resultado dessa pesquisa tem por finalidade, provocar a reflexão, trazendo à tona a questão da patrimonialização cultural desse esporte que mobiliza e paralisa toda uma nação.

**Palavras-Chave:** patrimônio cultural; futebol; paixão nacional.

### ABSTRACT

This article aims to present the Brazilian football as a national passion, making a brief background on the arrival of the sport in Brazil, the highlights in the World Cup and the teams and players better known nationally. There is no pretense of a detailed study of tactics, techniques used in the analysis of games and wins and losses. The present study football in the timeline, in order to understand its importance in national culture and reflect on the possibility of registering it as an intangible cultural heritage. The methodology used was literature and oral history through a single protagonist who is not confined to being a fan since his childhood studying and world football. The result of this research was to provoke reflection, which raises the question of patrimonial culture of this sport that mobilizes and paralyze an entire nation.

**Keywords:** Cultural Heritage, Football, National Passion.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato

Alameda Maria Tereza, 4266  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@anhanguera.com

Coordenação

Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Informe Técnico

Recebido em: 09/09/2011  
Avaliado em: 26/07/2012

Publicação: 30 de novembro de 2012

## 1. INTRODUÇÃO

O futebol é indiscutivelmente, uma paixão nacional. Independente da faixa etária e da classe social, o pretexto para essa sociabilização estará sempre presente. Ao analisar os patrimônios imateriais ou intangíveis que o Brasil possui uma pergunta que provoca inquietação - Por que não o futebol?

Qual seria a resposta mais plausível? Primeiramente, é necessário compreender o significado de patrimônio cultural imaterial.

Patrimônio Cultural Imaterial são as heranças de um lugar, que não podem ser tocadas, por isso, também é denominado como intangível. Mas, sente-se com o coração, está no imaginário das pessoas. São os saberes, festas e celebrações, lendas, músicas e outras tradições de um determinado lugar. O Brasil possui, por exemplo, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, a Feira de Caruaru, o Frevo, a Roda de Capoeira, entre outros, registrados como Patrimônios Culturais Imateriais.

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura) define Patrimônio Imaterial como

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.<sup>1</sup>

Bastos (2010) ressalta que o futebol está presente em todo o território nacional, e que não pode ser visto apenas no campo da materialidade, representado pelos museus de futebol que eternizam troféus, camisetas, chuteiras, bolas autografadas, dentre tantas relíquias que o acervo do futebol brasileiro pode ostentar, a autora traz uma visão mais ampla, a do imaterial, quando afirma:

Presente em nosso território de norte a sul, de leste a oeste, o futebol constitui importante patrimônio cultural brasileiro. Tratar desse aspecto não se restringe a enumerar a materialidade dos estádios e acervos dos museus de futebol distribuídos em nosso país. A técnica do domínio da bola que se apresenta desde cedo no cotidiano das crianças brasileiras, o espetáculo que se desenrola em campo durante o tempo regulamentar de uma partida do time do coração ou da pelada do final de semana ou, ainda, nas “escolinhas” de futebol também são elementos do patrimônio, que se manifesta por meio dos corpos. Sem falar do ritual que antecede uma partida, com direito ao rigor da veiculação do hino nacional, cantado com a mão sobre o coração, seguido pelas palavras de ordem, hino do clube, “ola” e, claro, críticas endereçadas ao time oponente, ao juiz e a seus auxiliares técnicos.<sup>2</sup>

O presente trabalho pretende apresentar um recorte do futebol, através de estudos bibliográficos que analisam a história do futebol, no âmbito da cultura de um povo. O artigo tem como objetivo não apenas resgatar, mas também resumir a

---

<sup>1</sup> <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>>

<sup>2</sup> [http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/copa\\_cabeca/detalhe/artigo\\_Senia-bastos\\_20091223.html](http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/copa_cabeca/detalhe/artigo_Senia-bastos_20091223.html)

importância antropológica do futebol no nosso país, tendo como argumento a identificação do brasileiro com a modalidade durante todo o século vinte a fim de viabilizar a ideia de registrar o esporte como patrimônio cultural.

Como metodologia foi utilizado o acervo de um estudioso em futebol, que, desde a mais tenra infância não se limitou a ser um torcedor-consumidor. Embora, como toda criança brasileira, possuísse camisetas, carteira, pôsteres, chaveiros e todo o arsenal de seu time de coração, o São Paulo, sempre foi um leitor assíduo de livros, revistas e todo material existente de futebol no âmbito internacional e nacional. Livros, vídeos, artigos, visita técnica ao Museu do Futebol e a disponibilidade, deste estudioso, em fornecer o material e contribuir com seu conhecimento, foram a base deste trabalho. A colaboração dos professores do programa de mestrado, Bastos e Camargo, com suas obras, também enriqueceram a pesquisa. Portanto, trata-se de um trabalho realizado através de pesquisa bibliográfica e história oral.

## 2. A COPA DO MUNDO

Em 1930 o mundo viu nascer no Uruguai a segunda competição esportiva mais importante criada pelo homem, a Copa do Mundo de futebol. Perdendo apenas para as Olimpíadas, evento que reúne todas as modalidades, a Copa do Mundo surgia dando indícios de que o futebol era um espetáculo paralelo aos demais esportes. Apesar de ainda marginalizado, o futebol já atingia uma popularidade que o tornava cada vez mais auto-suficiente.

Tamanha popularidade fez com que Mussolini acolhesse a segunda Copa do Mundo em 1934, dois anos antes da Berlim de Hitler abrigar os Jogos Olímpicos, pois sabia da importância que era ganhar aquele título para comprovar a superioridade fascista perante as outras nações. Os italianos não só conquistaram a Copa do Mundo como repetiram o feito quatro anos depois em terras francesas.

Na mesma década o poeta brasileiro Mário de Andrade tinha maiores preocupações. Ele acreditava que arte equivalia à cultura e que os vocabulários, os cantos, as lendas, a medicina e a culinária indígena, a música, os contos, os provérbios, os ditos e outras manifestações populares deveriam ser preservadas igualmente aos edifícios e obras de arte erudita. Segundo Sant'Anna, a visão ampla de patrimônio cultural de Mário de Andrade, porém, assemelhava-se à percepção oriental e não ocidental da cultura.

No mundo oriental, os objetos jamais foram vistos como os principais depositários da tradição cultural. A permanência no tempo das expressões materiais

dessas tradições não é o aspecto mais importante e sim o conhecimento necessário para reproduzi-las. Nesses países, em suma, mais relevante do que conservar um objeto como testemunho de um processo histórico e cultural passado, é preservar e transmitir o saber que o produz, permitindo a vivência da tradição no presente. De acordo com essa concepção, as pessoas que detêm o conhecimento, preservam e transmitem as tradições, tornando-se mais importantes do que as coisas que a corporificam. Quando, nos anos 1950, o Japão instituiu uma primeira legislação de preservação do seu patrimônio cultural, não foram obras de arte e edificações o seu alvo, mas o incentivo e o apoio às pessoas e grupos que mantêm as tradições cênicas, plásticas, ritualísticas e técnicas que compõem esse patrimônio. (SANT'ANNA, 2003)

No mundo ocidental a identidade cultural só começou a ser valorizada a partir dos anos 70 e teve consolidação no final da década seguinte. Ou seja, enquanto países pertencentes à cultura oriental já se propunham a preservar suas tradições através de leis antes mesmo do primeiro título do Brasil em Copa do Mundo, em 1958; o mundo ocidental só foi reconhecer a relevância dos patrimônios culturais imateriais quando o Brasil já era tricampeão mundial no futebol e o país mais vitorioso no esporte mais popular do planeta.

Essa valorização tardia cobrou um preço alto à história do futebol nacional, como se vê no filme *Pelé Eterno*, que reproduz graficamente aquele que, segundo o próprio autor, é seu gol mais bonito. O gol feito na rua Javari contra o Juventus no dia dois de agosto de 1959 pelo então jovem de 18 anos, foi tão bonito que lhe valeu uma placa oferecida pelo clube da Mooca. A homenagem existe até hoje, o registro do gol não. (A história do futebol, um mundo mágico)

Assim como esse e tantos outros gols de Pelé não foram registrados para confirmar a lenda em que se tornou, foram muitos os lances criados e recriados por gênios da bola que se perderam sem que possamos ter conhecimento. Alguns desses artistas sequer possuem o reconhecimento merecido, como Arthur Friedenreich, de longe o primeiro grande craque do futebol brasileiro.

Ainda que no Brasil o futebol seja praticado intensamente e possua torcedores fanáticos por seus clubes em volumes populares, pouco se estuda sobre ele no país. O máximo que o torcedor comum se limita é conhecer as regras e lembrar histórias que ele vivenciou, se relacionando superficialmente com o conhecimento tático e a história de seu clube.

Partindo do princípio que o Brasil é a nação número 1 no principal esporte do século vinte, é inevitável a supervalorização que a modalidade sofre no país. No Brasil não temos uma celebridade como John F. Kennedy ou os Beatles, mas sim Pelé e o Carnaval. O futebol é o cartão de visita do país assim como o samba e o clima tropical.

Apesar da história moderna do Brasil se confundir com a da popularização do futebol, o esporte sempre foi visto pela massa popular como objeto unicamente de entretenimento, deixando com a imprensa e o torcedor intelectualizado o papel de conservação histórica. Ainda que esses contrastes dificultem em uma cultura social que reconheça a importância do futebol dentro dela, é evidente a preocupação de alguns em inserir a modalidade como cultura na sociedade.

Para o sociólogo e professor Luiz Octávio de Lima Camargo,

Quando se quer uma explicação sobre as interrelações das noções de futebol e cultura, as questões são as seguintes: qual a contribuição efetiva do futebol para a construção do nosso atual ideal de civilização? Futebol enquanto prática social é cultura da mesma forma que uma obra literária ou uma pintura ou uma tese científica? Caminhar, fazer ginástica, praticar esporte é cultura da mesma forma que uma das artes plásticas, ou do que o cinema, a literatura? De que forma a tensão da prática e da assistência ao espetáculo esportivo contribui para a construção da sociedade desejada? De que forma passes, defesas, dribles, desarmes, lançamentos de bola, apitos justificados e injustificados, justiça e injustiça do resultado final, contribuem para que o cidadão esteja mais bem preparado para inserir-se em e ao mesmo tempo construir uma civilização desejável? (CAMARGO 2002)

### 3. ORIGENS

As origens do futebol podem ser divididas em duas fases distintas. A primeira delas percorreu milênios até chegar ao esporte como é conhecido hoje. Segundo Duarte (1996), por volta de dois mil anos antes de Cristo era praticado pelo exército chinês um esporte onde se chutava uma bola de couro entre duas estacas de madeira fincadas ao chão para pontuar.

Como relata o historiador Franco Júnior (2007), posteriormente essa atividade seria praticada no Japão com o nome de Kemari (literalmente, chutar a bola). Mas perderia seu caráter competitivo tornando uma cerimônia em que a bola circula entre oito jogadores que a passam utilizando apenas os pés, sem poder deixá-la cair no chão.

Seria o século XIX inclusive, o divisor de águas do futebol moderno. Impulsionados pela Revolução Industrial, que começava a criar ruas estreitas, ocupar terrenos e construir edifícios, o futebol teve de se organizar. Não havia mais espaço para ele ser praticado nas ruas de Londres e em 1863 foi criada a primeira federação de futebol, ficando proibido desde então o uso das mãos durante as partidas. (FRANCO JÚNIOR, 2007)

O vídeo a história do futebol um jogo mágico mostra um futebol de caráter ritualístico. Cerca de mil anos antes de Cristo surgiria na Mesoamérica o *tlachtli*. Praticado pela civilização olmeca, a bola era vista como o sol e só podia ser passada com os pés e quadris. Tinha como objetivo introduzi-la por um aro fixado na parede, pouco

maior que a circunferência da bola, feita de borracha maciça. O time que perdesse tinha seu capitão sacrificado como oferenda aos Deuses.

De acordo com Franco Júnior, os espartanos no século IV a.C., praticavam o *epyskiros* que dividia dois grupos de nove ou quinze participantes que tinham de colocar a bola recheada de ar e areia em um espaço determinado conforme o local onde a disputa é realizada. Esse esporte deu origem ao *harpastum*, esporte romano nascido no século III a.C. para treinar física e taticamente o exército.

Por ser uma atividade que transcendeu os limites territoriais e ser intensamente difundida durante dois séculos de conquistas romanas, o *haspartum* é considerado a inspiração para os ingleses começarem a praticar o esporte que evoluiria até chegar aos moldes do futebol atual.

Hipótese que tem como forte argumento a organização tática da modalidade romana, ao qual havia quatro linhas onde os atletas se dividiam, equivalendo ao goleiro, à defesa, ao meio-de-campo e ao ataque. Surgiria em Florença, séculos depois, outro esporte derivado do *haspartum*, como descreve o historiador Franco Júnior (2007, p. 16 e 17).

Anteriormente, a Florença do século XVI, em de acordo com o espírito o Renascimento, também atribuiu ao *haspartum* a origem de um jogo com bola desde o século XIV, o *calcio*, termo ainda usado pelos italianos para designar o futebol. Sem discutir a procedência ou não desse suposto nascimento, importa notar que o *calcio fiorentino* marcou de fato nova etapa na história do jogo. Ele apresentava características próprias, que se revelariam promissoras. Era um jogo urbano e realizado no principal espaço público da cidade (piazzza Santa Croce); tinha número fixo de jogadores (27 por equipe); estipulava o uso de uniformes para distingui-los (um grupo verde, outro branco); possuía desde 1580 uma codificação das regras, realizada por Giovanni di Bardi; criava a figura de árbitros (em número de dez) para controlar o jogo; estabelecia rígida distribuição espacial dos jogadores (três primeiros defensores ou *datori addietro*, quatro outros defensores ou *datori innanzi*, cinco intermediários ou *sconciatori*, quinze atacantes ou *innanzi*). As partidas de *calcio*, jogadas no período de Carnaval, duravam uma hora cada e ocorriam em espaço retangular de cem por 48 metros, com bola mais ou menos nas dimensões modernas.

Na Grã-Bretanha há registros de que o Rei Ricardo II – imperador durante o último quarto do século XIV – era entusiasta da extinção chegando até a proibir sua prática em seu reino. Uma bola era lançada onde praticamente todos os homens da região participavam divididos em dois times. Os gols eram monumentos e muitas brigas pessoais lá eram resolvidas, mortes por pisoteamento também eram comuns.

Jogado com os pés, esse esporte é hoje denominado como futebol pelos historiadores, nascido no último milênio, não se sabe ao certo sua origem, sempre atribuída a uma série de evoluções ao longo da história da humanidade. Certo é que futebol e rúgbi começavam a ter sua história entrelaçada e até mesmo confundida.

Do *epyskiros* ao *calcio* muito se responde sobre o porque do futebol americano ser chamado assim apesar de ser derivado do rúgbi britânico. Jogados com as mãos e não

com os pés, tais esportes praticados por gregos e italianos poderiam ser associados apenas à criação do rúgbi, não fosse o fato de até o século XIX ser ainda comum que britânicos iniciassem partidas com os pés e jogassem com as mãos no segundo tempo. Os competidores sequer sabiam responder a diferença entre *football* e *rugby*.

Outro fator que influenciou diretamente no nascimento da federação foi o momento vivido pelos ingleses. Em tempos de modernização, a Inglaterra respirava a necessidade de regulamentar todo aquele estilo social moderno, como descreve o jornalista Ryzsard Kapuscinski.

A ordem inglesa é a mais burocrática possível. Mas não se trata de uma burocracia estúpida, sem sentido, cerceadora e empolada, e sim de uma burocracia a serviço da ordem. Para os ingleses, as constituições, os decretos, as leis, as emendas, as emendas das emendas e assim por diante, são textos sagrados e, um funcionário inglês tem verdadeiro prazer em ler e implementar tudo isso. (KAPUSCINSKI, 2007, p.100)

De acordo com Kapuscinski, o inglês possui em suas raízes o espírito organizador, foi assim que ele conquistou a África do Sul no início do século vinte e a Revolução Industrial e toda sua complexidade só serviu como trampolim para acelerar esse acultramento regulamentador dos ingleses, refletido inclusive, no futebol que ainda no século XIX via regras nascerem e darem um ar cada vez mais civilizado ao esporte.

Cada país tem sua história de como surgiu o futebol, quase sempre através de ingleses que iam trabalhar na construção de ferrovias no final do século XIX ou aqueles que deixavam seu país para estudar na Inglaterra e retornavam com bolas, chuteiras, bomba de ar e mais alguns instrumentos necessários para realizar uma partida.

A obra de Storti e Fontenelle (1997), afirma que Charles William Miller, filho de escocês com uma brasileira filha de ingleses, deixou sua terra natal São Paulo para completar os estudos na cidade portuária de Southampton na Inglaterra ainda com oito anos. Doze anos depois, em 1894, Miller desembarcaria com seu arsenal futebolístico de volta ao Brasil e, em 1902 ocorreria o primeiro campeonato de futebol do país, o Campeonato Paulista, disputado por cinco clubes da capital e que teve o próprio Miller como artilheiro com 10 gols.

Os autores acima destacam que há registros de que marinheiros estrangeiros já haviam disputado partidas de futebol em praias cariocas dez anos antes do retorno de Charles Miller, mas certamente foi ele o homem mais importante no pioneirismo nacional.

A lei do impedimento, considerada até hoje a regra mais inteligente do futebol, foi uma das primeiras delas. Criada em 1867, determinava a necessidade de três jogadores (atualmente são dois) entre a linha de fundo e o adversário que está com a bola para fazer gol. Com fundamento no pensamento britânico de praticar o espírito desportivo, o

impedimento serve para punir o atleta que se esconde nas costas do adversário para atingir seu objetivo. (FRANCO JÚNIOR, 2007)

Inteligente e complexa. A lei do impedimento obrigou o futebol a introduzir a figura do árbitro em suas disputas. Inicialmente ele não entrava em campo, sendo apenas consultado pelos times em caso de dúvida ou discórdia, assim como os juízes de um tribunal. A regra antecedeu as mudanças mais relevantes do futebol moderno como cita o historiador Hilário Franco Júnior (2007).

Quatro anos depois da lei do impedimento surgiu outra mudança essencial no futebol – o goleiro. A motivação nesse caso parece ter sido a relação com o rúgbi, sempre tensa naqueles tempos. Tratava-se de esportes na essência semelhantes (condução coletiva da bola até a meta adversária), criados e praticados por um mesmo grupo social (estudantes). Mas desde 1863, aqueles que preferiam um jogo menos violento e no qual não se pode carregar a bola com as mãos estabeleceram regras próprias para a modalidade e criaram uma associação que reunia seus praticantes. Quando, em janeiro de 1871, os adeptos do rúgbi fundaram sua própria federação, os do futebol, buscando atrair os indecisos, promoveram alteração na maneira de jogar. Autorizou-se um atleta, o goleiro, a usar as mãos. E em qualquer parte do campo de jogo, como ocorria nas regras de Sheffield, publicadas em 1862. Sempre procurando tornar o jogo mais ágil e mais atraente, em 1872 os adeptos do futebol criaram o escanteio, como forma de ao mesmo tempo punir um ato defensivo pouco elaborado e premiar o ataque. O espírito padronizador da Revolução Industrial não poderia deixar de se manifestar no futebol. 1872 definiu-se medida e peso da bola do jogo, fato permitido pela recente técnica de vulcanização descoberta por Charles Goodyear. Em 1875 impôs-se uma inovação de Sheffield: o travessão de madeira que substituiu a fita usada desde 1865 para unir as traves e melhor delimitar a meta.

Tal padronização foi essencial para a segunda fase das origens do futebol, que seria sua globalização.

#### 4. O FUTEBOL NO BRASIL

As primeiras décadas do futebol brasileiro tiveram recordes que perduram até hoje, heróis históricos e o nascimento da maioria dos clubes tradicionais do país. Como afirma o jornalista e especialista em estatísticas do futebol Rodolfo Rodrigues (2006), dos considerados grandes clubes, apenas Bahia e São Paulo nasceram após a primeira Copa do Mundo, em 1930.

Segundo Storti e Fontenelle (1997), a influência européia era tamanha que o primeiro campeão oficial do futebol brasileiro, o São Paulo Athletic, era totalmente composto por britânicos e ascendentes diretos, caso de Charles Miller.

O primeiro gol seria de um jogador do Mckenzie com sobrenome Eppinghaus, na vitória de seu time contra o Germânia no que viria a ser a primeira partida oficial do futebol brasileiro. O artilheiro não podia deixar de ter raízes britânicas.

Foi uma questão de tempo para as outras duas capitais mais importantes do país criar suas ligas regionais. Clubes de regatas e críquete seriam os responsáveis a colocar

seus times de futebol para disputar o primeiro Campeonato Baiano, em 1905 e o primeiro Campeonato Carioca, no ano seguinte.

Como relatam Storti e Fontenelle (1997), “[...] O jogo criado em meados do século XIX na Inglaterra rapidamente substituiu a pelota basca e o ciclismo como o esporte favorito da elite paulistana.”

Na década de 1910 nasceriam clubes populares como o Sport Club Corinthians entre outros. O futebol tinha no gosto popular um novo entretenimento e, o esporte cada vez mais, fazia parte da cultura brasileira.

A popularidade do futebol, que na época sequer possuía termos em português para escanteio, tiro de meta ou impedimento, gerava a revolta daqueles adversos ao estrangeirismo. Ramos demonstra a insatisfação com o espaço que o futebol vinha ocupando na vida dos brasileiros, principalmente nas capitais e nos litorais, apostando inclusive, ser questão de tempo o futebol cair no ostracismo em terras tupiniquins.

Com exceção talvez de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de um fogo de palha capaz de durar bem um mês. (RAMOS, 2002, p.146)

Ainda que ser jogador de futebol fosse visto pelas famílias tradicionais como algo marginal, massa e elite eram conquistadas pela qualidade que o futebol brasileiro apresentava com seus resultados através das décadas; na terceira Copa do Mundo, em 1938, o Brasil terminaria em terceiro lugar e no quarto mundial, doze anos depois, ficaria com o segundo posto após perder no Estádio do Maracanã para o Uruguai.

A cada década a seleção brasileira obtinha melhores resultados representando o futebol nacional. Culminando na conquista da Copa do Mundo de 1958 na Suécia, o Brasil se tornava o primeiro país campeão mundial fora de seu continente, feito que detém até hoje.

A campanha do bicampeonato em 1962 no Chile só consolidaria o carisma que a seleção havia construído no final da década anterior. Execrado pela derrota em casa para os uruguaios em 1950, o selecionado chegou até mesmo a mudar as tradicionais camisas brancas – utilizadas desde a primeira partida oficial do Brasil em 1914 em um amistoso contra o clube inglês Exeter City – para a atual vestimenta amarela.

A desconfiança que o futebol nacional chegou a viver retornaria com o fracasso na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, quando o Brasil já consagrado sequer conseguiu se classificar para a fase eliminatória do torneio. O mundial seguinte, porém, ficaria como responsável pela popularização definitiva da seleção e consequentemente do futebol nacional.

A Copa do Mundo de 1970, disputada no México viu um Brasil inteligente taticamente, extremamente técnico, hábil e leve. Liderada por Pelé em sua última Copa, a seleção ganharia todas as partidas com plasticidade, em apresentações seguras e repletas de jogadas belas. Na final o Brasil golearia a também bicampeã mundial Itália por quatro a um e atingiria o topo do esporte mais popular do planeta ao se tornar o primeiro país a sagrar-se tri campeão da Copa do Mundo.

A seleção brasileira também foi a primeira a se tornar tetracampeã e atualmente, é a única pentacampeã mundial. Para retomar a hegemonia, o futebol brasileiro amargou 24 anos de espera, entre 1970 e 1994.

Durante esse período, o Flamengo se tornaria clube-símbolo com seus títulos e a maior torcida do país. O Corinthians protagonizaria o fim de jejum mais ovacionado da história do futebol nacional e veria nascer a democracia corinthiana, a qual os atletas tinham total responsabilidade por suas concentrações e horários. O clube do Parque São Jorge conquistaria o bicampeonato estadual de 82 e 83, coroando a geração de Sócrates e companhia.

Para Toledo (2002) “o futebol relaciona-se estreitamente à problemática da formação das identidades (clubística, regional, nacional, continental), construindo matizes da auto-imagem coletiva e representações de vários grupos sociais.”

Essa identificação com o clube reavivada pelos fracassos acumulados pelo selecionado nacional nas décadas de 70 e 80 tomou formas gigantescas. Atualmente é comum, jornalistas e torcedores concordarem publicamente que o clube está no coração do torcedor muito mais que a seleção brasileira.

## 5. FRIEDENREICH E OUTROS ÍDOLOS NACIONAIS

Levando em consideração o desinteresse popular em acumular conhecimento aliado ao desprezo midiático pela antropologia do futebol, a memória fica mais comprometida ainda em tempos que não existia a televisão.

Tais fatores são determinantes para que a história de Arthur Friedenreich não seja conhecida como a de Pelé, Garrincha, Zico ou Romário, ídolos do futebol brasileiro que ficaram conhecidos até por leigos e pessoas que não se interessam pelo assunto.

Friedenreich, apelidado por El Tigre pela imprensa uruguaia, era um mulato de olhos verdes e cabelos enrolados. Filho de alemão com uma brasileira estreou em 1910, como meia-esquerda pelo Germânia, clube fundado por imigrantes alemães e seus descendentes. Foi o grande nome do time mais tradicional da era amadora no Brasil, o

Club Athletico Paulistano, que deixaria de disputar torneios oficiais de futebol com a profissionalização do esporte.

Perante tantos craques que abrilhantaram a história do futebol brasileiro e tantos outros que ainda são motivo de orgulho nacional, é conveniente lembrar a importância do registro de bens culturais, citado por Oliven.

É importante, no entanto, dar-se conta de que o Registro de Bens Culturais de natureza Imaterial dá ao Estado a possibilidade de atuar na área do patrimônio cultural a um custo infimamente mais barato que o envolvido em zelar pelos bens culturais físicos. O Registro de um bem imaterial o insere num inventário de bens prestigiosos, que equivale quase a uma Legião de Honra. Isso significa um reconhecimento que, muitas vezes, é extremamente importante para os agentes envolvidos em disputas simbólicas. (OLIVEN, 2003, p.80)

Com o objetivo de salvaguardar e aprofundar conteúdos relacionados ao futebol, o Museu do Futebol, localizado no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – antigo Estádio Municipal do Pacaembu – na Praça Charles Miller, em São Paulo pode ser apontado como um avanço para uma forma mais cultural de se ver o futebol.

Dinâmico, o museu valoriza não objetos como chuteiras velhas, uniformes sujos que fazem parte de momentos históricos do esporte, mas enfatiza filmagens e narrações antigas, expõe regras e curiosidades sobre o futebol no Brasil e no mundo.

Usufruindo a tecnologia para interagir e transmitir a memória do futebol, o museu possui fotos de todas as Copas do Mundo, expostas em galerias que fazem paralelo com os acontecimentos ocorridos na época de cada competição. Sua didática agrada, atraindo o público feminino, antes desinteressado pelo assunto e principalmente crianças, que podem semear essa conscientização e valorizar a história futebol muito mais do que uma conquista de seu clube do coração.

## 6. O FUTEBOL CHEGA À ACADEMIA

Em 2002, Magnani sinalizava a importância do futebol, e seu período de maturação a ponto de tornar-se um trabalho científico, o distinguindo da prática amadorística e autodidata. O autor ressalta que, na década de 70, do século XX, se amplia a rede de ensino superior e o número de estudantes universitários triplica, surgindo ainda programas pós-graduação, congressos e órgãos oficiais de incentivo à pesquisa. Desta forma, em 1982, surgem duas coletâneas, uma organizada por Roberto da Matta e outra por José Carlos Meihy Sebe com José Witter.

Porém, as temáticas relacionadas ao futebol, nas monografias, se iniciam na década de 90, conforme cita o autor.

Mas é a partir dos anos noventa que o leque de interesse se amplia, com temática mais específicas e tratamento monográfico: José Leite Lopes: Esporte, emoção e conflito social

(1995); Luiz Henrique de Toledo: Torcidas organizadas de futebol, (1996) e Lógicas no futebol (2002); Simoni Guedes, O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro (1998); José Paulo Florenzano, Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro (1998); Leonardo Pereira: Football mania: história social do futebol carioca (1902-1938), (2000), entre outros, além de vários estudos, resultado de dissertações de mestrado e teses de doutorados defendidas mas não publicadas. Alguns desses estudos conseguem apresentar parte de seus dados e conclusões em obras coletivas, como é o caso do Dossiê futebol, da Revista USP, apresentado por José Carlos Bruni (1994) e Futebol, espetáculo do século, organizado por Márcia Regina Costa (1999). (MAGNANI, 2002)

Magnani conclui seu texto alertando que essas produções devem ir além do plano comum para que haja uma compreensão do fenômeno em toda sua complexidade.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não teve a pretensão de fazer um estudo aprofundado do futebol na esfera nacional ou internacional. No entanto, as fontes de pesquisas e a visita ao Museu do Futebol causaram inquietação e curiosidade. Apesar da violência que se tem conhecimento, decorrentes de torcidas uniformizadas, o futebol ainda é um dos esportes que mais atrai público.

A triste constatação foi da dificuldade em pesquisas científicas. Muitos se limitam a serem torcedores fanáticos, mas não tem o menor conhecimento histórico, sequer de seu time de coração. Felizmente, houve a grande colaboração de um torcedor que não se limita a conhecer apenas a história de seu time de coração, ele é um profundo conhecedor do futebol, os ídolos de cada país e cada time, os feitos de cada time, os melhores lances, tática, vitórias e derrotas vividas nos campeonatos regionais, estaduais, continentais e mundiais.

Sem sua ajuda, não seria possível o contato com livros, filmes e toda fonte de pesquisa aqui utilizada. Sua memória invejável, sua paixão declarada, desde a mais tenra infância, pelo São Paulo Futebol Clube e pelo futebol em todas as suas esferas, foi, sem dúvida a maior colaboração para a idealização e posterior realização deste trabalho.

Ao apropriar-se desse conhecimento, e principalmente, após a visita ao Museu do Futebol, impossível negar a repercussão que o futebol tem no Brasil. Em uma consulta ao sítio do IPHAN, é possível verificar que não há, ao menos, um processo em andamento para o registro do futebol como patrimônio cultural imaterial. O que causa essa curiosidade e inquietação. Por que esse descaso com a paixão nacional? Qual o motivo de tamanho desinteresse? Os dirigentes e cartolas de clubes renomados não têm interesse em registrar, ou desconhecem as leis?

Por ser esse trabalho ser apenas um recorte do futebol enquanto patrimônio cultural do país, não há uma resposta para essas questões. Mas, após o conhecimento

adquirido, provoca o claro desejo de uma pesquisa maior e sair da reflexão para a ação. Quem sabe em um futuro próximo, cada brasileiro terá o orgulho de afirmar que o futebol não é apenas uma paixão, mas também, um patrimônio cultural imaterial.

Ler o artigo produzido por Bastos, que destaca o futebol por seu significado histórico, sua importância coletiva e a forma de abordar o futebol, sua importância nacional foi um dos motivos que impulsionou essa pesquisa.

Tomar conhecimento através de Maganani (2002) que a década de 1990 proporcionou algumas pesquisas científicas relacionadas ao futebol traz um pouco mais de luz ao tema. Quiçá, o futebol, ao tornar-se um patrimônio cultural desperte a consciência de todos para uma segurança maior nos estádios e que possamos ainda, reter nossos craques nos times brasileiros, deixando assim de serem apenas meros exportadores de jogadores fenomenais. Afinal, o Rei do Futebol é brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA DO FUTEBOL UM JOGO MÁGICO. Origens. Manaus: Videolar. Vídeo (144 min.): DVD, son., color. Narrado e Legendado Port.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. A cultura do futebol. In: NOGUEIRA, Armando et. al. *Técnicos: Deuses e Diabos da Terra do Futebol*. São Paulo: Sesc, 2002.
- CERVO, Amado L., BERVIAN, Pedro A. e DA SILVA, Roberto. *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Patrimônio Imaterial. Disponível em
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *A guerra do futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Futebol: um campo de pesquisa. . In: NOGUEIRA, Armando et.al. *Técnicos: Deuses e Diabos da Terra do Futebol*. São Paulo: Sesc, 2002.
- MUSEU DO FUTEBOL. Disponível em <<http://www.museudofutebol.org.br/historia/>> acesso em 11 de junho de 2010 às 15:00.
- OLIVEN, Ruben George. Patrimônio Intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio*. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DPA, 2003.
- O FUTEBOL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL. Disponível em: <[http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/copa\\_cabeca/detalhe/artigo\\_Senia-bastos\\_20091223.html](http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/copa_cabeca/detalhe/artigo_Senia-bastos_20091223.html)> acesso em 11 de junho de 2010 às 15:30
- <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>> acesso em 11 de junho de 2010 às 16:00.
- RAMOS, Graciliano. Traços a esmo. In: NOGUEIRA, Armando et.al. *Técnicos: Deuses e Diabos da Terra do Futebol*. São Paulo: Sesc, 2002.
- SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio*. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DPA, 2003.
- STORTI, Valmir e FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. São Paulo: Publifolha, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. O jogo (intelectual) de futebol. In: NOGUEIRA, Armando et.al. *Técnicos: Deuses e Diabos da Terra do Futebol*. São Paulo: Sesc, 2002.

---

***Nizamar Aparecida de Oliveira***

Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Pós-graduanda em Metodologias e Gestão para Educação a Distância pela Anhanguera Educacional. Pós-Graduação: Especialista em Didática do Ensino Superior pelo Centro Hispano Brasileiro de Cultura - UNIBERO (2006). Gestão em Negócios Securitários pelo Centro Hispano Brasileiro de Cultura - UNIBERO (2004). Graduação: Bacharel em Turismo pelo Centro Hispano Brasileiro de Cultura - UNIBERO (1983).

---

***Anderson Soares Lopes***

Graduação em Turismo pela Associação Paraibana de Ensino Renovado (2006), Especialização em Gestão Hoteleira pela Castelli Escola Superior de Hotelaria (2007) e Mestrado em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (2012). Foi Trainee da Companhia Tropical de Hotéis em Salvador e Porto Seguro (2008).